

## HORA DO POEMA EM QUALQUER TEMPO: CINCO MESES VIAJANDO SEM SAIR DECASA

### RESUMO

O ano de 2020 aparece no mapa da história mundial como período incomum. À força de garantir a sobrevivência, milhões de pessoas se recolheram aos seus lares e ali procuraram abrigar-se da peste. Amparado em autores como Cândido (2011), Cosson (2006) e Cordasso (2012), que abordam o caráter humanizador da literatura e seu papel indispensável ao bem-estar dos seres humanos ante as dificuldades da vida, este relato discorre sobre a Hora do Poema, que consiste em leituras compartilhadas de poesia, feitas em casa, diariamente, por uma família na cidade de Altamira, no coração da Amazônia brasileira, diante de medidas de isolamento físico no contexto da pandemia de COVID-19. Assim, o objetivo deste relato de experiência é abordar o caráter humanizador e o papel indispensável da literatura ao bem-estar dos seres humanos frente aos percalços da vida cotidiana. A relação entre objeto, texto literário, e observador, poeta e professor de literatura, qualifica a utilização de uma estratégica autoetnográfica de expressão que liberta escolhas e qualifica o individual como expressão do humano. Damos mostras de como a prática da leitura de poemas afeta nossas reflexões acerca da tragédia humana, do amor, da existência e do gosto pela vida.

**Palavras-chave:** Literatura. Poesia. Leitura Compartilhada. Autoetnografia. COVID-19.

### POEM TIME AT ANY TIME: FIVE MONTHS TRAVELING WITHOUT LEAVING HOME

### ABSTRACT

The year 2020 appears on the map of the world's history as an unusual period. In order to guarantee their survival, millions of people retired to their homes and sought shelter from the plague there. Supported by authors such as Cândido (2011), Cosson (2006) and Cordasso (2012), who address the humanizing character of literature and its indispensable role in the well-being of human beings in the face of life's difficulties, this report discusses the Poem Time, which consists of shared poetry readings, made at home, daily, by a family in the city of Altamira, in the heart of the Brazilian Amazon, in the face of physical isolation measures in the context of the COVID-19 pandemic. Thus, the objective of this experience report is to address the humanizing character and the indispensable role of literature for the well-being of human beings in the face of the obstacles of everyday life. The relationship between object, literary text, and observer, poet and professor of literature, qualifies the use of an autoethnographic strategy of expression that liberates choices and qualifies the individual as an expression of the human. We show how the practice of reading poems affects our reflections on human tragedy, love, existence and a taste for life.

**Keywords:** Literature. Poetry. Shared Reading. Autoethnography. COVID-19.

### TIEMPO DEL POEMA EN CUALQUIER MOMENTO: CINCO MESES VIAJANDO SIN SALIR DE CASA

### RESUMEN

El año 2020 aparece en el mapa de la historia mundial como un período inusual. Para garantizar su supervivencia, millones de personas quedaron en sus hogares y buscaron refugio de la plaga allí. Apoyado por autores como Cândido (2011), Cosson (2006) y Cordasso (2012), que abordan el carácter humanizador de la literatura y su papel indispensable en el bienestar de los seres humanos ante las dificultades de la vida, este informe analiza la Hora del Poema, que consiste en lecturas de poesía compartidas, hechas en casa, diariamente, por una familia en la ciudad de Altamira, en el corazón de la Amazonía brasileña, frente a las medidas de aislamiento físico en el contexto de la pandemia COVID-19. Así, el objetivo de este relato de experiencia es abordar el carácter humanizador y el papel indispensable de la literatura para el bienestar de los seres humanos ante los obstáculos de la vida cotidiana. La relación entre objeto, texto literario y observador, poeta y profesor de literatura, califica el uso de una estrategia autoetnográfica de expresión que libera elecciones y califica al individuo como expresión de lo humano. Mostramos cómo la práctica de la lectura de poemas afecta nuestras reflexiones sobre la tragedia humana, el amor, la existencia y el gusto por la vida.

**Palabras-clave:** Literatura. Poesía. Lectura compartida. Autoetnografía. COVID-19.

*Paulo Roberto Vieira[1]  
Jhennifer Lorena Freitas Giese[2]*



## INTRODUÇÃO

Seguindo o curso antinatural dos dias entre meados de março e agosto do inesquecível e interminável ano de 2020, a população da cidade de Altamira, no interior do Pará, se comportou de modo nada diferente de como se portaram os habitantes dos demais municípios da Amazônia e do Brasil. Milhares de caso de contaminação pelo novo coronavírus e – subnotificações à parte – mais de uma centena de mortes. Isso porque no transcurso desses meses houve sempre muita gente na rua, tantas vezes sem necessidade real para tanto.

Apesar do abre e fecha de portas no comércio local – a prefeitura da cidade mandava abrir, o Ministério Público mandava fechar, abria de novo, fechava, abria... –, na prática quase ninguém deixou as ruas. A mesma vida de sempre se passou na quente e desmatada Altamira, nos meses da primeira metade do fatídico ano de 2020, para a maioria das pessoas. Mas não para nós que ora escrevemos este texto, pois que nos conservamos em casa por todo esse período, protegendo-nos da contaminação.

Na oportunidade, levados pelos efeitos da nossa exaustiva presença no lar, doce (mas também seguro!) lar, tivemos de rever as regras de funcionamento da casa e definir melhor as rotinas do nosso dia-a-dia. Foi aí que decidimos incluir diariamente uma atividade de leitura compartilhada de poesia em nossa rotina. Sabendo que a literatura, como mostra Antônio Cândido (2011, p. 182), ajuda a gerar bem-estar social e espiritual entre os seres humanos: “a literatura devolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Além do mais, “a leitura quando praticada contribui para formação do homem, pois com o hábito da leitura ele guarda experiências que com o passar do tempo fazem com que possa interagir melhor com o mundo” (CORDASSO, 2012, p. 18). A prática de leitura compartilhada em casa foi, para nós, de fato, algo novo. Embora tenhamos o hábito de cultivar a leitura literária desde há muito tempo, em casa, entre os nossos, sempre fizemos apenas a clássica leitura silenciosa e solitária, com partilhas esporádicas de excertos ou ideias, motivadas pela empolgação e vontade de mostrar ao outro, como quem, ao recomendar um livro, mostra um pouco da sua luminescência.

Assim, criamos a Hora do Poema, atividade diária, realizada em horário definido, em que cada um lê um poema de livre escolha em voz alta para os demais, visando a partilha e a interação. Uma leitura compartilhada visando a mesma perspectiva traçada por Rildo Cosson (2006, p. 17), segundo o qual a literatura nos faz entender o que somos e nos estimula a desejar e a representar o mundo por nossa própria conta - e isso se dá “porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade”.

Mas que município é esse onde habitamos, Altamira, cujas ruas queríamos ver desertas para que tantas vidas fossem salvas? Distante 816 quilômetros da capital do Pará, Belém, o município é o mais bem colocado quanto a serviços e à infraestrutura dentre aqueles dispostos à margem da BR 230, a quase mitológica rodovia Transamazônica. A Figura 1 destaca Altamira (realce em vermelho) e Belém (realce em amarelo).

Figura 1 - Mapa do Estado do Pará



Fonte: IBGE (2013)

Na região do oeste do estado, Altamira é a cidade para onde, por exemplo, os filhos de muitos agricultores são enviados para estudar. Nesse processo, o município consolidou-se como centro de referência para a região que, malgrado os poucos incrementos de serviços urbanos instalados, recebe demandas de pequenas cidades circunvizinhas e de moradores vindos do rio e do campo - ribeirinhos, indígenas e agricultores familiares.

Some-se a esse contexto, os impactos da instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu – o verdeengo rio que espelha a cidade de Altamira em sua orla –, construída em cerca de uma década e inaugurada em 2016. Sobre esta obra ainda hoje se denuncia que “a construção da hidrelétrica de Belo Monte não primou pelo respeito às regras nacionais e internacionais que regem as relações entre a execução de projetos desenvolvimentistas e as populações tradicionais” (SILVA et al., 2017, p. 68).

O deslocamento forçado de ribeirinhos, a violação de direitos, a expulsão de moradores antigos, a degradação ambiental da floresta e do rio e a chegada maciça de trabalhadores para o canteiro de obras da Usina impactaram enormemente Altamira, aumentando o custo de vida, a precariedade na saúde e na educação, os índices de pobreza e violência.

Sobre a paisagem neste rincão, observa-se logo que, por motivo pouco elucidado, foram postas abaixo a maioria das árvores que antes das instalações urbanas aqui vicejavam. Talvez se encontre alguma explicação a essa prática na apregoada ideia de que colonização e desenvolvimento devem sempre vir precedidos de desflorestamento raso como, historicamente, de fato aconteceu nas Américas, tanto ao Norte quanto ao Sul, onde o homem se demorou por pouco tempo, “depois partiu para outros lugares. Atrás dele deixou um terreno mortificado” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 95).

Se por um lado a ausência de árvores nas sedes desses municípios do interior da Amazônia simboliza, na sórdida mentalidade do agronegócio, algum “progresso”, por outro lado prejudica ainda mais a já baixa qualidade de vida local, ao multiplicar o calor e causar a sensação de desalento na paisagem poeirenta.

Todavia, apesar de o centro da cidade ser um deserto florístico, o rio Xingu é um alento. O município está assentado à margem desse fabuloso e interminável corredor de cachoeiras, cujo tom verde escuro das águas parece prestar homenagem às árvores que lotam a outra margem, todas olhando as águas como se olhassem para um espelho, encantadas da cor de copas do rio-floresta.

O objetivo deste relato é abordar – por meio do percurso de leituras compartilhadas (Hora do Poema) na quarentena de uma família – o caráter humanizador e o papel indispensável da literatura ao bem-estar dos seres

humanos frente aos percalços da vida cotidiana. Para tanto, aproveitamos a possibilidade de protagonismo aberta a autoetnógrafos, autores que se qualificam como objeto de investigação. Ao contrário de Santos (2017, p. 216), que, em sua tese, utilizou a autoetnografia a fim de “colher dados sobre um passado vivido, relevante para caracterizar o objeto de estudo”, dela lançamos mão para olhar de dentro um período de isolamento físico que se deve à pandemia de COVID-19, iniciada em 2020.

A experiência de poeta e professor de literatura permite reconhecer o papel de escolhas pessoais sobre criações, leituras e releituras da vida. Ler poemas uns para os outros, diariamente, representa aqui todas as possíveis expressões do que significa usufruir da liberdade possível e optar pela beleza da vida.

### NOSSA BIBLIOTECA

Quando viemos fazer morada em Altamira, era meados de 2016 e não nos surpreendeu muito o fato de a cidade não ter livraria, pois, ao que nos parece, até mesmo a capital, Belém, tem caminhado na direção da cegueira coletiva: basta observar o fechamento de tantas livrarias e sebos, entre 2000 e 2020. Este fato demonstra o lugar cada vez menor do livro literário na vida cotidiana e contrasta com o que afirma Antonio Cândido a respeito da relevância fulcral da literatura a uma existência plena:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CÂNDIDO, 2011, p. 188)

De todo modo, chegamos animados a Altamira porque trazíamos na bagagem nossos livros. E assim a cidade passou a ter uma expressiva biblioteca, especialmente no que concerne à poesia. São mais de quinhentos títulos de livros em verso. Predomina a poesia brasileira, mas dispomos também, de excelentes traduções, de poesia norte americana, francesa, alemã, espanhola, chilena, colombiana, grega, argentina, equatoriana, mexicana, italiana, inglesa, chinesa e japonesa.

Ante à biblioteca, a seleção dos livros para a Hora do Poema é sempre feita de maneira descontraída, importando a saudade de reler certos poetas, a pouca atenção até ali dispensada a algumas obras, a correção de injustiças (que um leitor, às vezes, crítico demais, comete), a confirmação de obras primas em verso.

Tudo isso é levado em conta para puxar da prateleira o livro de leitura a cada dia depois do almoço, entre sobremesas de frutas. Mas, por outro lado, há ainda o simples encantamento: uma capa assim, um título de livro desconcertante ou até mesmo - feito que também sucedeu entre nós - a “comodidade” de uma obsessão, como a *leminskiana*, num episódio que, à prezada leitora ou leitor, mostraremos mais adiante.

### TRÊS LEITORES, MUITOS POEMAS

A família é pequena. Somos três leitores - dois adultos e uma criança, Pablo, de doze anos. Nossa proximidade à leitura literária beneficiou o menino Pablo, que cresceu entre livros, desde um *Onde vivem os monstros*, escrito e ricamente ilustrado por Maurice Sendak, até uma *A divina comédia*, de Dante Alighieri, com a iluminação ilustrativa do genial Gustave Doré. Portanto, como se pode supor, a escolha dos livros para a *Hora do Poema* nada tem de entediante, dada a riqueza e diversidade nas prateleiras.

Quanto à escolha de qual poema em cada livro, parece, às vezes, uma roleta de jogo; outras vezes, resultado de uma busca ligeira por algo que não se sabe exatamente o que é. Acaso ou não, certo dia nos veio esse, de Byron (CAMPOS, 2009, p. 39), na tradução de Augusto de Campos:

Meu cabelo é grisalho aos trinta anos.  
(Como estarei quando tiver quarenta?)  
Já tive uma peruca entre os meus planos.  
Meu coração secou, já não aguenta.  
Perdi todo verão com desenganos  
E já coisa nenhuma me contenta.  
Gastei a vida, o principal e o juro.  
Já não me sinto dono do futuro

Um poema cortante, escrito há dois séculos e totalmente contemporâneo da realidade experimentada em 2020, quando o spleen parece um sentimento que

retorna – esperamos que não com todo aquele excesso sentimental! – na vida aos sobressaltos de sentido, numa existência acuada, trancafiada.

Arcanos da existência, certa feita leu-se – entre as dezenas de poemas lidos, nas dezenas de dias de confinamento – com muito arrebatamento o poema de amor e morte, Romance, de Mário Faustino (2009, p. 69), que imediatamente nos trouxe à mesa o canto da sereia, com sua melodia embriagante que nem mesmo um Odisseu, obcecado em rever sua Ítaca, taparia os ouvidos à voz tão sedutora.

*Romance*

Para as festas da Agonia  
Vi-te chegar, como havia  
Sonhado já que chegasses,  
Vinha teu vulto tão belo  
Em teu cavalo amarelo,  
Anjo meu, que, se amasses,  
Em teu cavalo eu partira  
Sem saudade, pena, ou ira;  
Teu cavalo, que amarraras  
Ao tronco da minha glória  
E passava-me a memória,  
Feno de ouro, gramas raras.  
Era tão cáldo o peito  
Angélico, onde meu leito  
Me deixaste então fazer,  
Que pude esquecer a cor  
Dos olhos da Vida e a dor  
Que o Sono vinha trazer.  
Tão celeste foi a Festa,  
Tão fino o Anjo, e a Besta  
Onde montei tão serena,  
Que posso, Damas, dizer-vos  
E a vós, Senhores, tão servos  
De outra Festa mais terrena –

Não morri de mala a sorte  
Morri de amor pela Morte

Longe dos conflitos da existência e do problema da sua finitude, tantas vezes nos chegava o menino Pablo, com suas escolhas de leitura e uma disposição de samurai para os poemas da leveza e equilíbrio. Verdade que nos primeiros dias de leitura, entre ranzinza e galhofeiro, tratou de reclamar que essa nova regra da Hora do Poema era mais uma invenção nossa para tirar o sossego dele.

No entanto, buscando seu melhor lugar à mesa, percebeu, depois de enjeitar um e outro livro, que os poemas de Paulo Leminski eram, em muitos casos, curtos, epigramas, o que, a ele, Pablo, pareceu uma enorme comodidade. Assim, o primeiro poema lido por ele foi de Paulo Leminski (2013, p. 147):

PRA QUE CARA FEIA?  
NA VIDA  
NINGUÉM PAGA MEIA.

Quanto ao envolvimento das crianças com a leitura, Cordasso (2012, p. 12) assevera que, em circunstâncias normais, a leitura precisa ser bastante estimulada dentro do ambiente familiar. “O primeiro incentivo ao hábito de leitura deve vir da família, seguida da escola. Crianças que convivem em ambientes de leitores aprendem com mais facilidade”.

Pablo ainda arriscou Jorge Luís Borges (2009) e Cacaso (2012), mas depois de muito argumentar, ficou decidido: só leria Paulo Leminski na *Hora do Poema* porque, segundo ele, “é muito divertido, parece com trava-língua, é rápido e não é difícil de escolher”.

O menino ainda contou com o acerto de termos em nossa biblioteca a edição de Toda poesia de Leminski, com mais de quatrocentas páginas. E assim sucedeu, ao longo de meses e meses - a cada dia um poema de Paulo era interpretado por Pablo. No início parecia uma leitura forçada, obrigada.

epois o leitor foi tomando gosto e a fluência na expressão nos mostrava a cada nova leitura o envolvimento do pré-adolescente com a poesia em profundidade. Nesse sentido, Cosson (2006, p. 30) assevera que a literatura pode nos ajudar a ler melhor, “nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”.

DAté mesmo o argumento inicial de ter escolhido o samurai curitibano por parcimônia caiu por terra, pois inúmeras vezes vimos esse pequeno leitor ler de

uma só vez de quatro a cinco haicais ou até mesmo poemas de página inteira, sempre sem reclamar. A disposição gráfica dos poemas nas páginas, os concretismos[3], as blagues na realização e os desfechos estonteantes, mordazes e irônicos, muito contaram para o estabelecimento dessa relação íntima entre leitor e obra.

Outro dia, outra rodada de eitura (no sentido horário!) e eis que na roleta do menino caíram estes versos de Paulo Leminski (2013, p. 240):

lua à vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?

Depois de ler o poema, Pablo argumentou que não entendia a referência a Auschwitz. “O que é Auschwitz?”, ele indagava. Naquele dia paramos a leitura para conversar sobre esse poema que saiu publicado pela primeira vez no livro *Distraídos venceremos* (LEMINSKI, 1987).

Menos de dez palavras e uma pergunta trazem de volta a assombrosa catástrofe da Segunda Grande Guerra. A memória degradante, em preto e branco, do genocídio e a angústia dos campos de concentração... Depois da conversa ficamos todos em silêncio, tentando, talvez, imaginar a visão da lua pairando sobre Auschwitz.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a poesia não é um bálsamo, um “florilégio” para embelezar janelas, uma válvula de fuga para evitar explosões. Ela nos parece mais com um instrumento à convivência, autorreflexão e sobrevivência no meio da confusão doentia na qual a humanidade meteu o planeta.

O homem já parece se esquecer que amar é um compromisso inadiável e que é preciso sempre tornar a forçar as portas do inferno para rever velhos amigos. Devemos nos amar como galhos de uma mesma árvore frutífera amam suas próprias raízes. Fazer do vento instrumento de música em nossas folhas, em nossas peles. Precisamos persistir e cantar os versos mais bonitos olhando nos olhos uns dos outros. É urgente sorrir sem motivo, indiferentes ao pesadelo diário, ao medo de perder quem se ama, ou de perder o amor que se sente por quem se ama.

Embora os tenham machucado, dia após dia, o medo, o remorso e a angústia ainda não tomaram conta de nossos corações. Somos sobreviventes porque ainda respiramos e amamos. E a felicidade, nesse mundo de desastres e desertos, por vezes, só depende de sabermos escutar com os olhos. Conforme Gullar (2010, p. 98).

*O musgo*

Em frente à janela do  
alpendre  
Por volta de 1949  
o musgo  
tomou todo o muro com o  
seu veludo vivo  
e verde  
assim o mantinha  
dominado  
sob a multidão de suas  
patinhas macias

e ali ficava como se dormisse  
grudado a ele  
feito o pelo de um bicho  
preche de luz e noite  
pois nele formigava um  
escuro, úmido alarido  
e que  
de algum ponto da cidade  
eu podia escutar

eu e os mortos todos cristalizados  
no chão da ilha

Anunciamos que os poemas neste relato são, ainda, uma homenagem a todos os mortos no ano de 2020, bem como uma singela declaração de amor à vida vindoura. Concluímos, em linhas gerais, que a prática compartilhada de leitura de poemas permite encontros entre pessoas e entre sentimentos e reflexões acerca da tragédia humana, do amor, da existência e do gosto pela vida. A comunhão entre indivíduos acerca da poesia, com a finalidade única do prazer literário por meio da leitura, é algo salutar em qualquer tempo e pode proporcionar certo bem-estar, alegria e confiança em dias melhores.

[3] O Concretismo foi um movimento artístico que, no Brasil, iniciou na década de 1950. Por meio da tentativa de extinguir os versos e a sintaxe normal do discurso, os poetas que aderiram ao Concretismo passaram a dar grande importância à organização visual do poema, procurando mover as barreiras entre forma e conteúdo para criar uma outra linguagem. Paulo Leminski, como se percebe na leitura de sua obra, recebeu e assimilou fortes influências estéticas desse movimento (AGUILAR, 2005).

**REFERÊNCIAS**

- AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista**. São Paulo: Edusp, 2005.
- BORGES, Jorge Luis. **Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BLAKE, William. **Canções da Inocência e da Experiência**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- CACASO. **Lero Lero**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CAMPOS, Augusto de. (Org.) **Byron e Keats: entreversos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2009.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CORDASSO, Elizabeth Aparecida Moreira. **A importância da leitura no Ensino Fundamental**. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- IBGE. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão**, 2013. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64824\\_mapa\\_pa.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64824_mapa_pa.pdf). Acesso em: 29 set. 2020.
- LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Brasil. Editora Anhambi LTDA. 1957.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.
- SILVA, Liana Amin Lima da et al. Dos direitos dos ribeirinhos atingidos por barragens. In: MAGALHÃES, Sônia Barbosa; CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.) **A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte**. São Paulo: Relatório da SBPC, 2017, p. 67-98.

Artigo recebido em: 15 set. 2020 | Artigo aprovado em: 30 out. 2020.

[1] Professor Adjunto de Literatura da Faculdade de Etnodiversidade na Universidade Federal do Pará – Campus Altamira. Doutor em Literatura Brasileira (USP). Autor dos livros de poemas *Belebrada* (Intermeios, 2019), *Orquídeas Anarquistas* (IAP, 2007), *Infância Vegetal* (IAP, 2004), entre outros de poesia, prosa e crítica literária.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7238-702X>  
E-mail: pauloforest@gmail.com

[2] Graduada em Licenciatura em Educação do Campo com Ênfase em Ciência da natureza. Faculdade de Etnodiversidade, universidade Federal do Pará, campus Altamira.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7391-9374>  
E-mail: jhennifer25062016@gmail.com